

PROPOSTA DE HOMILIA QUARESMA

Conversão ecológica

Vamos iniciar o tempo litúrgico da Quaresma, marcado por um apelo de recentramento na essencialidade da vida. Bem sabemos como resistimos a esse apelo, ou como o vamos vivendo de forma intermitente, entre avanços e recuos, decisões e adiamentos. Por aí passa aquele sabor a incoerência, ou a vida adiada que tanto no magoa quando (re)entramos na nossa consciência (no nosso quarto interior) em humildade e verdade. E, todavia, a nossa vida é única, não temos tempo a perder. Daí a urgência do evangelho.

Somos corpo, vida biológica que necessita de ar para respirar, alimento para viver, descanso, ambiente protegido. Somos corpo em relação com os outros, com o meio ambiente, com os outros seres viventes. «É preciso reconhecer que o nosso corpo nos põe em relação direta com o meio ambiente e com os outros» (LS 155). Podemos dizer que o nosso corpo é a nossa primeira «casa». O nosso corpo também é, de certo modo, uma «casa comum» pela sua interação com os outros e com o meio ambiente, que precisa de ser protegida e cuidada. Lembra-nos o Papa Francisco em *Laudato si'*: «O nosso corpo é constituído pelos elementos do Planeta; o seu ar permite-nos respirar, e a água vivifica-nos e restaura-nos» (LS 2). Em sua própria materialidade biológica e orgânica, o nosso corpo é um «microcosmos», a síntese dos elementos do universo.

Diz-nos o Papa Francisco que a espiritualidade «não está desligada do próprio corpo nem da natureza ou das realidades deste mundo, mas vive com elas e nelas, em comunhão com tudo o que nos rodeia» (LS 236). O nosso corpo é «templo do Espírito Santo». É esse primeiro momento em que experimentamos a fraternidade cósmica. A experiência espiritual indica, no imediato, o modo como somos corpo e vivemos, no corpo e pelo corpo, a nossa comunhão com a criação, como nos relacionamos com o meio ambiente. A vida espiritual traduz-se nas opções de alimentação, no modo como vivemos o tempo de ocupação e descanso, como apostamos na qualidade das relações, como nos sentimos ligados a nós mesmos e em sintonia com a rede da vida, à qual estamos biologicamente ligados. O nosso corpo tanto pode ser expressão e celebração do dom, como expressão de posse e de consumo. O vazio interior, que por vezes atravessamos, pode transformar-se em voragem de posse e de consumo. «Quanto mais vazio está o coração do homem, tanto mais necessita de objetos para comprar, possuir e consumir» (LS 204). Mas quem diz objetos, diz também relações.

O evangelho de Lucas do primeiro domingo da Quaresma apresenta Jesus, surpreendentemente, a ser levado ao deserto pelo Espírito. No deserto, também pelo Espírito (que atrevimento de Lucas!) é exposto à tentação, atravessa e resolve a conflituosa experiência da eleição e do discernimento,

atravessa violentos dilemas existências perante propostas sedutoras de realização pessoal. Fez, voluntariamente, a experiência da fome, de privação de alimento (jejum). Confronta-se, aí no deserto, com a ambiguidade dos próprios desejos mais profundos. Habita a carência e a privação sem a resolver na voragem da posse e de consumo. Por isso responde a partir da Escritura, com uma palavra que nele se torna vida e carne na sua carne, que «nem só de pão vive o homem».

O mesmo Espírito que o levou ao deserto para ser tentado está conosco nas nossas inevitáveis e necessárias tentações, como lugares de prova e de verificação da nossa verdade, no atravessar da nossa sede e da nossa fome. Podemos dizer que o jejum é um modo de cuidar do corpo, de curar os ímpetus violentos de posse e de consumo do desejo.

Algumas passagens mais ousadas do Livro do Génesis anotam que é possível uma alimentação sem sacrifício de vida animal. Aí está uma dimensão que se poderia tornar profética na vida cristã contemporânea e ser sinal de diferença na violenta discussão atual sobre os direitos dos animais. O jejum tradicional da carne (do peixe, do marisco...), em alguns dias, bem poderia ser uma possível prática a revitalizar no seio das próprias famílias. Pois, como afirma o Papa Francisco, «uma ecologia integral é feita de simples gestos quotidianos, pelos quais quebramos a lógica da violência, da exploração e do egoísmo» (LS 230).

O que podemos fazer de simples, de possível e de urgente?